

CONSCIÊNCIA PEDAGÓGICA, TECNOLOGIA E INTERATIVIDADE, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES

Magda Maciel de Oliveira - UFMS

Ângela Maria Zanon - UFMS

Resumo

O presente trabalho versa sobre as concepções dos professores quanto ao uso da Internet nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Partindo da análise bibliográfica pertinente ao tema, nossa pesquisa se fundamentou na análise teórica de autores como Pierry Lévy, Edmund Husserl, Hugo Assmann, Bicudo e outros. A realização de entrevistas e conversas informais foram as maneiras utilizadas para contato com os professores. Através da fenomenologia realizamos as análises dos discursos, chegamos a seis Confluências Temáticas que foram convergidas em três Categorias Abertas, denominadas: Consciência Pedagógica, Tecnologia e Interatividade; Informação e Conhecimento. Verificou-se que os professores reconhecem a potencialidade da Internet como um recurso pedagógico, sendo, porém, a pesquisa, a busca por informação, a atividade mais citada por eles. Eles reconhecem que o uso das novas tecnologias precisa ser incentivado e possibilitado dentro do âmbito escolar, pois, isso já acontece com os alunos, de maneira direta ou indireta, fora das escolas. Eles concebem que, ao acessarem a Internet, podem utilizá-la como um recurso de incentivo à busca de novos conhecimentos por parte dos alunos, tornando-se assim, um apoio para o professor. Muitos reforçam que essa utilização só é eficaz, quando realizada de maneira intencional, isto é, bem pensada e planejada, visando a transformar as informações obtidas na Internet em conhecimentos efetivos para os alunos.

Palavras chaves: Internet, Professores e Educação.

Abstract

This work is about the conceptions of the teachers concerning to using internet in the initial series of fundamental teaching. Starting from the bibliographical analysis relative to the subject, our research had based on the theoretical analysis of authors as Pierry Lévy, Edmund Husserl, Hugo Assmann, Bicudo and others. The contact with the teachers was done by interviews and informal talks. Through the Phenomenology we analysed the speeches, and we obtained the six Thematic Confluences that had been converged in three Opened Categories, called: Pedagogical Conscience, Technology and Interactivity; Information and Knowledge. It was verified that the teachers recognize the potentiality of the internet as a pedagogical resource, being, however, the research, the search for information, the activity more cited by them. They recognize that the use of the new technologies needs to be stimulated and to be made possible inside the school scope, therefore this already happens with the students, direct or indirectly, out of the schools. They conceive that, when accessing the internet, they can use it as a resource of incentive to the search of new knowledge by the students, becoming a support for the teacher. Many teachers strengthen that the use of internet is effective, when is done intentionally, that is, well thought and planned, aiming at transforming the gotten information in the internet in effective knowledge for the students.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o uso de computadores na educação tem-se estendido a diversos temas, associados a inúmeras situações pedagógicas. Pretendemos abordar uma das faces da questão, desenvolvendo reflexões a partir da seguinte pergunta: “Quais as concepções dos

professores sobre o uso pedagógico da Internet?” Para nós, formadores de professores e pesquisadores, é importante saber o que eles pensam sobre a Internet na educação, suas opiniões, suas idéias, e suas concepções a fim de conhecermos a realidade em que se encontram. Tais informações possibilitarão esclarecimentos e a busca de novos direcionamentos na capacitação de professores e nas condições de infra-estrutura adequadas para o uso das novas tecnologias nas escolas. A Internet apresenta-se como recurso importante para auxiliar o processo de aprendizagem. Entretanto, exige do professor não só um “domínio da máquina”, mas um “novo olhar” para o possível uso desse recurso no seu fazer pedagógico. Destaca-se como uma nova forma de buscar o conhecimento, provoca um redirecionamento dos conceitos já conhecidos, possibilitando a busca e compreensão de novas idéias, valores e procedimentos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fenomenologia dedica-se ao estudo do fenômeno, a fim de compreendê-lo do modo como se apresenta. Sendo assim, mesmo percorrendo várias etapas históricas, a fenomenologia interessa-se por todos os temas filosóficos. Isso não quer dizer que a fenomenologia, através de seus grandes autores, tenha tratado tão explicitamente da educação, porém, por conceber a educação como um fenômeno, acredita-se que ela possa ser abordada dentro de tal corrente filosófica, juntamente com o estudo de todos os outros fenômenos.

A fenomenologia preocupa-se em mostrar o fenômeno da maneira como é, da experiência e o modo demonstrado pelo sujeito pesquisado sobre o fenômeno, no caso os professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

O movimento do pensamento fenomenológico intensificou-se principalmente a partir do séc. XX, com os escritos de Edmund Husserl (1856/1938) tentando contribuir para solucionar a crise dos fundamentos das ciências em geral, em especial da Psicologia, pois gozava de grande prestígio e pretendia ter a capacidade de explicar a teoria do conhecimento e da lógica, excluindo essas áreas do campo filosófico. Assim, Husserl ao desenvolver o método fenomenológico, criou um movimento, que permeia até os dias de hoje a filosofia e todas as áreas das ciências humanas.

A fenomenologia visa sempre descrever e investigar fenômenos particulares. Procura as raízes (essência) a partir do estudo do fenômeno (aparência). Dessa forma, Martins & Bicudo (1983) afirmam que:

A Fenomenologia procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta a si mesmo, de modo que não o parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, de crenças ou de afirmações sobre o mesmo, enfim, de um referencial teórico. Mas ela tem a intenção de abordá-lo diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar a sua essência. (Martins & Bicudo, 1983, p.10).

Para a fenomenologia, o fenômeno deve ser pesquisado, investigado na sua totalidade, isto é, deve ser compreendido em todas as suas particularidades, reconhecendo que para chegar a compreensão de sua essência não se deve elaborar nenhuma afirmação ou hipótese a priori.

Para que alguém possa descrever um fenômeno, ele precisa fazer parte de seu cotidiano, de sua vivência. Portanto, a fenomenologia tenta defender e valorizar a vivência do sujeito na busca do conhecimento, que se dá através de práticas e de teorias, o que podemos chamar de pré-reflexivo¹.

O fenômeno formador do objeto investigado, só existe quando está em relação com o sujeito. Para descrever o objeto deve-se tomar consciência dele, isto é, colocar-se a par dele e a nossa percepção acontece na relação com esse objeto.

¹ Aqui entendido como o conjunto de todas as experiências, teorias e saberes vividos pelo sujeito sobre uma questão investigativa.

O primeiro passo para a reflexão e a prática da fenomenologia é Ir-às-coisas-mesmas², isto requer um direcionamento daquilo que entendemos ser a essência do fenômeno. Mais uma vez faz-se necessário que o sujeito investigativo esteja próximo ao campo fenomenal investigado. É “como ir a essas coisas”, sendo que a fenomenologia parte daquilo que é oferecido, vivenciado, isto é, o que deve ser tomado para ser experimentado.

Como afirmam Martins & Bicudo (1983):

Esse olhar se constitui na “epoché”, que significa suspensão de qualquer julgamento, ou seja, “dar um passo atrás” e parar com as formas familiares e comuns de olhar as coisas, as quais impedem que sejam vistas. (Martins & Bicudo, 1983, p.12).

Essa suspensão significa que o sujeito deve atentar-se e ver o fenômeno a partir de sua própria realidade vivida, e não a partir de definições, conceitos e de qualidades e defeitos emitidos por outras pessoas. É deixar o fenômeno mostrar-se como é. Quando isso ocorre, a revelação da essência das coisas acontece. Possibilitando a partir daí chegar à raiz do fenômeno.

Chegar à compreensão de um fenômeno exige cuidado especial, pois é necessário identificar e descrever o fenômeno, sem imposição de algum conceito sobre ele, e conclusões apressadas.

Ao se colocar em suspensão, “epoché”, e ao se fazer a descrição do que é visto, obtemos a redução fenomenológica: os dois aspectos juntos formam o *princípio hermenêutico*³. (Martins & Bicudo (1983, p.13).

O significado não existe *a priori*, é feito a partir de cada um, da construção coletiva e social. Em torno de um fenômeno sempre existem outras dimensões fazendo parte de sua essência. Para o sujeito efetivar sua pesquisa, é necessário destacar algumas dessas dimensões⁴.

O conhecimento do Eu, na fenomenologia, emana do próprio processo de conhecimento realizado por ela. E a primeira atitude do método fenomenológico consiste em olhar o mundo de uma nova maneira: não acreditar somente na experiência do cotidiano. Aguçar a dúvida sobre a crença natural no existir, negando, não validando e “desqualificando” todas as posições assumidas anteriormente em relação ao objeto experimentado.

Olhar para o “novo”, para o inusitado é o princípio da busca das inúmeras perspectivas fenomenológicas, para uma educação capaz de compreender o que se vive colocando em prática as potencialidades de diálogo existentes em nosso fazer pedagógico.

Acreditamos que os atores dessa educação devam ter esse “olhar” e devam colocar-se no centro desse fazer, não só nas escolas, mas nas diversas relações e situações vividas com outros atores. Entender a educação como um processo que além de informar, possibilita construir e transformar o ser humano, reconhecendo-o como ser incompleto e inacabado, em processo, em constante desenvolvimento, exigindo do professor uma postura que transcenda, perceba e apresente-se sensível e humana para conseguir colaborar com esse processo.

Numa perspectiva fenomenológica, a educação é vinculada ao mundo, e ela nos revela uma dimensão que possui como núcleo a problematização (os fenômenos), que envolve a sociedade, a cultura e o indivíduo (Peixoto, 2003). Também educar pressupõe uma intencionalidade e requer do educador uma análise e reflexão de sua prática, à luz de uma teoria para redimensionar e redirecionar seu “olhar” e sua compreensão do mundo, além de compreender-se a si mesmo e ao seu fazer pedagógico.

² Ir-às-mesmas-coisas significa que o campo do inquérito é infinito e que inclui as possibilidades dos fenômenos, quando elas se doam à experiência, segundo Martins & Bicudo (1983, p.12).

³ Colocar o “dado” em suspensão para que seja olhado fenomenologicamente, junto com a redução fenomenológica, que é a descrição do que se vê, constitui-se o *princípio hermenêutico*.

⁴ O conjunto dessas dimensões do fenômeno estudado é denominado de *Região Ontológica*.

Husserl (1996) assevera que se faça a redução do mundo “objetivo”, colocando-o entre parênteses, isto é, em foco, para lhe dar um valor diferente. Como objeto de experiência se torna um fenômeno, suspende-se temporariamente qualquer julgamento: obtém-se, então o mundo como objeto puro e como fenômeno “puro”.

A redução do mundo a fenômeno é realizada pelo “Eu”, e que, ao realizá-lo, encaminha-o para outro objeto intencional que não é ele próprio. O distanciamento de si e a percepção do outro fazem com que o “Eu” se torne consciente de si mesmo. A essa redução denominamos *Redução Fenomenológica Transcendental*. (Martins & Bicudo, 1983, p.51). Transcendental porque assim o “Eu” se descobre, percebendo que as coisas existem por ele e/ou possuem significado fenomenológico. O mundo se transforma em fenômeno. O “Eu” cognoscente assume uma atitude diferente da que existia até então.

Para Martins & Bicudo (1983) o processo de redução fenomenológico direciona-se: “Para a *noesis*, que é um ato dirigido para um objeto intencional e para o *noema*, que é o objeto de um ato noético”⁵.

Através da consciência, direcionada pela intencionalidade, tem-se a possibilidade de perceber o que está sendo mostrado pelo fenômeno. Toda consciência “é consciência de algo ou de alguma coisa”. Assim, todo ato, chamado por Husserl (1996) de *noesis*, visa a algo, chamado *noema*.

A fenomenologia é considerada a “ciência do fenômeno”, pois nela acontece a unidade entre o ato de conhecer algo e/ou algo, a ser conhecido. Por isso, segundo Martins & Bicudo (1983):

A concepção de Husserl sobre a intencionalidade da consciência é a de que o sujeito e o objeto são inseparáveis, interagem, sendo que cada um só pode ser concebido à luz do outro. Com isso, a problemática “subjetivo-versus-objetivo” é superada, estabelecendo-se a supremacia do conhecimento fenomenológico. Esse não ignora nem o mundo externo ao sujeito nem aquele interno, mas entende a ambos a partir da intencionalidade da consciência. (Martins & Bicudo, 1983, p.52).

Pela percepção ocorre o primeiro contato da consciência (intencional) com o mundo e todos os outros elementos da consciência fundam-se nela. Portanto, a essência do fenômeno será apreendida de acordo com a consciência daquele que se dispõe a investigá-lo.

A intenção da fenomenologia é não “separar” o objeto do sujeito, mas sim uni-los de forma inseparável, dentro de uma estrutura da experiência intencional. Assim, para nós, quem melhor expressa sobre o fenômeno e sua estrutura é Rezende (1990, p.34) que: “[...] propõe-nos encararmos o fenômeno como uma estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação”.

Chama-se *alethéia*⁶ a procura da interpretação da verdade, como forma de revelar a essência do fenômeno percebido pelo sujeito; porém esse desvelamento só ocorre quando o sujeito já tenha vivência, envolvimento com o campo fenomenal Trata-se de uma postura fenomenológica na busca do conhecimento.

A noção chave de que a fenomenologia se serve para superar e evitar inconvenientes com outras filosofias de ontem, de hoje ou de amanhã é a *estrutura*. Para tanto a fenomenologia oferece dela uma concepção própria e acredita poder descrevê-la assim: “[...] a estrutura fenomenal é uma multiplicidade⁷ unificada por uma ordem cujo sentido é correspondência intencional à situação existencial”, Rezende (1990, p.35). Portanto a sua concepção de estrutura reforça o próprio entendimento e definição do fenômeno para a fenomenologia.

⁵ Grifos dos autores.

⁶ Fazendo referência ao termo grego usado cujo significado se traduz por uma clareira. Podemos entender também “alethéia” como o descobrimento ou revelação da verdade, isto é, é a própria verdade revelada.

⁷ Multiplicidade fundamental é a da existência e da significação, do homem e do mundo, ou, mais sinteticamente, do ser-no-mundo, segundo Rezende (1990, p.35).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa objetivamos desvendar as concepções dos professores atuantes na Quarta Série do Ensino Fundamental, quanto ao uso pedagógico da Internet. Consideramos que tais concepções são a expressão direta da consciência de cada professor sobre o assunto. Para esse desvelamento, propusemo-nos a alcançar os seguintes objetivos:

- 1) Verificar e descrever as concepções dos professores quanto à possibilidade do uso pedagógico da Internet nas escolas.
- 2) Levantar aspectos relacionados ao uso didático que a Internet possibilita na prática efetiva do professor, através da pesquisa bibliográfica.

Sujeitos e Instrumentos da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2004 com professores da 4ª Série do Ensino Fundamental, que trabalham em 10 escolas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS.

A coleta dos dados para a análise dos discursos foi feita através de conversas informais e de entrevista, gravada em fita cassete, com a seguinte pergunta: Quais as possibilidades de utilização da Internet como recurso didático?

A entrevista foi aplicada a 14 (quatorze) professores: doze atuam na zona urbana e dois outros, na zona rural.

Todos foram previamente informados quanto aos objetivos da pesquisa e concordaram, espontânea e plenamente, em participar da fase experimental, pois acreditam que, revelando suas concepções quanto à potencialidade do uso da Internet na escola, possam surgir propostas para viabilizar sua melhor utilização e que o uso possa tornar-se efetivo.

Descrição e Análise das Entrevistas

Com a finalidade de fugir da fragmentação do conhecimento, buscamos referência nos conceitos fenomenológicos da pesquisa qualitativa educacional para a realização da parte experimental da pesquisa.

A entrevista foi realizada a partir da seguinte pergunta: Quais as possibilidades de utilização da Internet como recurso didático? Os depoimentos foram transcritos na íntegra, e posteriormente realizadas as análises ideográfica e nomotética.

Para Bicudo (2000):

Descrever não é suficiente, pois a descrição não esgota os movimentos de uma investigação rigorosa. Como já afirmamos, a descrição é efetuada por meio da linguagem e esta também deve ser olhada fenomenologicamente. (Bicudo, 2000, p.78).

Sendo assim, os discursos coletados são analisados pelo pesquisador que destaca as unidades significativas dentro do contexto do discurso realizado, e dispõe-nas em forma de asserções já articuladas, expressando as idéias do sujeito o mais fielmente possível. Posteriormente, as unidades são organizadas e reunidas por grandes temas ou assuntos afins. Em tal movimento a análise vai, das estruturas mais individuais, específicas de cada idéia, até a união das estruturas mais gerais.

No decorrer do processo o pesquisador fará uma compreensão ampla de todos os aspectos que envolvem a análise dos discursos dos sujeitos. Sucintamente, seleciona as unidades relevantes, ou que fazem sentido, desenvolve a análise conceitual e a partir daí elabora a sua interpretação, ou seja, desvela e compreende as análises realizadas. Podemos caracterizar esse processo de análise como a análise fenomenológica propriamente dita (Bicudo, 2000).

Análises Ideográfica e Nomotética

Caracteriza-se como análise ideográfica a descrição das idéias ingênuas do sujeito e tem por principal objetivo explicitar o sentido das palavras e dos símbolos nesse discurso. É uma tentativa de penetrar no mundo psicológico do sujeito. Para tanto, uma única leitura não é suficiente. É necessário ler e reler quantas vezes necessitar até perceber a consciência do pesquisado.

Para se compreender melhor a análise ideográfica, há três momentos. Primeiramente faz-se uma leitura detalhada de cada discurso, para iniciar a compreensão do significado do fenômeno.

Num segundo momento realiza-se o levantamento das unidades de significado, pontuadas no decorrer da análise dos discursos. Podendo ter para cada discurso várias unidades de significado levantadas.

E finalmente, ocorre o discurso interpretativo do pesquisador constando no conjunto de todas as unidades de significado, de cada um dos discursos, aqueles que, na realidade, são repetição, contradições ou convergem em relação a demais unidades. Já é, portanto, uma parte do curso interpretativo.

Na análise ideográfica, permitimo-nos perceber todos os dados coletados a partir dos discursos obtidos dos sujeitos entrevistados. Eles embasarão as seqüências das unidades de significado, as confluências temáticas e as categorias abertas que permitirão a elaboração da matriz nomotética.

Conduzindo às convergências, ao final do discurso interpretativo, encontramos as unidades de significado já reduzidas e convergidas para a estrutura fenomenal, permitindo a reorganização dessas unidades.

O pesquisador abstrai do discurso as unidades de significado relacionadas ao fenômeno. A retirada dessas unidades de significado, realizada na análise ideográfica, permite a convergência intencional da consciência do sujeito pesquisado com a consciência do pesquisador, através da leitura minuciosa do discurso ingênuo, já como procedimento da análise nomotética.

A análise nomotética é a busca de uma síntese do que expressa o fenômeno estudado, partindo de um nível individual para um nível mais amplo e abrangente.

A passagem das unidades de significado em dados diferenciados da pesquisa conduz à redução em direção às categorias abertas, fornecendo a estrutura, ou essência do fenômeno.

ANÁLISES REALIZADAS

Nas análises realizadas nesta pesquisa tivemos o cuidado de falar apenas em termos de concepções dos sujeitos quanto ao uso pedagógico da Internet, para não cair no equívoco de fazer afirmações ou julgamentos categóricos, ou insinuar certezas absolutas quanto ao uso da Internet nas escolas.

Nesse sentido, a análise das concepções dos professores nos revelou informações importantes, as quais, esperamos, possam servir de indicadores para a discussão e condução de novos entendimentos, posturas e políticas quanto a esse uso, tais como:

- A falta de esclarecimento quanto aos termos que envolvem as novas tecnologias e, por consequência, o seu uso escolar.
- A acessibilidade ao computador e à Internet aos alunos.
- O acesso ainda é restrito, o número de micro por aluno ainda não é suficiente, há falta de manutenção das máquinas.
- O tempo é muito restrito ao uso das Salas de Informática, e, quando é possível, nem sempre sabem como utilizá-lo pelo fato de não serem capacitados para isso.
- Vários afirmaram, generalizando, que “há muitas possibilidades de utilização da Internet”, mas não especificam, realmente, quais seriam essas possibilidades por desconhecerem-nas.

- Mas reconhecem a potencialidade inerente desse recurso e estão abertos e dispostos a explorá-la com seus alunos.
- A pesquisa foi uma das atividades mais citadas pelos professores ao utilizarem a Internet com seus alunos.
- Chamou-nos a atenção o fato de em nenhum discurso haver rejeição ao uso do computador ou da Internet, inclusive com os professores da zona rural, que não têm acesso aos recursos da informática.
- Advertem que a utilização só é eficaz quando realizada de maneira intencional, isto é, bem pensada e planejada.
- O professor deve atentar-se para o fato que “a navegação” realizada pelo aluno não pode tornar-se mais atrativa do que o próprio assunto que está sendo pesquisado.
- Devemos encará-la como um recurso a mais a serviço do trabalho do professor em busca de apoio ao seu fazer pedagógico, visando ao desenvolvimento do conhecimento de seus alunos, e, nunca substituí-lo. Baseando-nos no referencial metodológico da

Fenomenologia, estas e outras percepções puderam ser levantadas nas análises dos discursos dos professores, através das etapas seguidas nesta pesquisa, que resultaram em três Categorias Abertas: Consciência Pedagógica; Tecnologia e Interatividade e; Informação e Conhecimento, que representam o conjunto de Confluências Temáticas convergidas das Unidades de Significado dos discursos dos sujeitos, descritas anteriormente. São elas:

Consciência Pedagógica – Esta Categoria Aberta foi assim denominada, por reunir confluências que estão relacionadas à intencionalidade do professor na utilização da Internet nas suas aulas e a forma como organiza e prevê esse uso em sua prática. Esta categoria reúne as confluências: O uso intencional da Internet e a Internet como apoio à prática do professor. A denominação Consciência Pedagógica motiva-se pela concepção do professor quanto à possibilidade de uso da Internet como um recurso pedagógico.

Tecnologia e Interatividade – Entendemos esta Categoria Aberta como um conjunto de confluências que, ao mesmo tempo, nos mostra na concepção do professor, a necessidade da inserção das novas tecnologias na Escola, bem como possibilitar o uso dos recursos virtuais e a interatividade dos alunos e exige dos professores uma concepção propensa ao conhecimento e uso da potencialidade da Internet. Esta categoria foi formada pelas seguintes confluências: O acesso aos recursos tecnológicos e Interatividade.

Informação e Conhecimento – Esta Categoria Aberta reuniu confluências que, apontam para os desafios postos aos alunos quanto a transformar as informações obtidas na Internet em conhecimentos. As confluências que dão sustentação para a categoria são as seguintes: A busca rápida de informação e A ampliação do conhecimento dos alunos através da Internet. Ao falarmos em Informação e Conhecimento, compatíveis com os atuais desafios da sociedade de informação, queremos destacar a necessidade do professor de utilizar as diversas potencialidades virtuais de exploração existentes na Internet. O conjunto das confluências desta categoria apontam para os desafios que os alunos devem enfrentar para que as informações obtidas na Internet sejam transformadas em conhecimentos, assim como, a necessidade do professor em propor situações para que seus alunos descubram e explorem outras potencialidades da Internet; não reduzindo-a somente a “busca rápida de informação”.

Esperamos e acreditamos que as leituras realizadas, as discussões propostas, as reflexões desenvolvidas e as análises feitas neste trabalho possam contribuir para apontar alguns caminhos para novas reflexões e discussões sobre o uso pedagógico da Internet e a concepção dos professores sobre essa utilização no desenvolvimento de seu trabalho.

Pretendemos que as análises realizadas nesta pesquisa sirvam, também, como ponto de partida a novas discussões e investigações sobre a capacitação dos professores para o uso das novas tecnologias, tanto no âmbito de sua formação inicial, quanto na sua formação continuada; bem como a descoberta dos reflexos desse uso na aprendizagem dos alunos; ou ainda, como podemos organizar e explorar melhor a utilização destes recursos no âmbito escolar. Acreditamos que estas e outras descobertas podem se realizar a partir das discussões levantadas neste estudo.

BIBLIOGRAFIA

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: Confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas: A sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. Tradução de Zeljko Loparic; Andréa Maria Altino Campos Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

PEIXOTO, Adão José (Org.). **Concepções sobre fenomenologia**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

_____. Adão José (Org.). **Interações entre Fenomenologia & Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

REZENDE, Antonio Muniz. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

Magda Maciel de Oliveira E-mail: mmoli@terra.com.br
Ângela Maria Zanon E-mail: amzanon@terra.com.br